

Please slide right for ENGLISH VERSION

14.05.22 —

11.09.22



ANA SILVA

Vestir Memórias Dressing Up Memories

C A S A D A C E R C A

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre

CMA —
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

O trabalho de Ana Silva (Luanda, 1969) é sempre muito pessoal, profundo e delicado. Parte da sua vivência pessoal em Angola para fazer uma reapropriação quer das tradições – como a cerimónia do pedido oficial de noivado, o Alambamento – quer das vivências quotidianas das mulheres angolanas.

Ana Silva desenha, através do bordado, histórias de mulheres angolanas, celebrando as suas vidas e o seu trabalho. No âmbito do seu percurso artístico, a utilização da linha que borda constitui-se como um eixo estruturante. Faz referência aos lavoures femininos e a uma economia doméstica. Saberes e tradições que são transmitidos entre gerações e que transportam consigo não apenas uma memória pessoal, como uma memória e história coletiva, e que são metáfora de uma identidade feminina marcada pela violência e pela desigualdade. O bordado pode também ser visto como uma tentativa de cicatrizar, um bálsamo, para essas mesmas feridas e injustiças sociais.

Se historicamente o bordado tem sido associados à feminilidade (branca), ao incorporar esta técnica como a sua forma de trabalho e de pensamento artístico e crítico, Ana Silva questiona não apenas discursos hegemónicos e misóginos, como também coloniais. No centro do seu trabalho, Silva tenta recrear as histórias pessoais e coletivas Angolanas que ostentam ainda as marcas de um longo período de guerra civil, cruzando-as ainda com a sua herança cultural portuguesa.

Vestir Memórias

Nesta exposição, Ana Silva propõe uma reflexão acerca da memória da história recente e contemporânea africana, e intersecta-a com uma problematização das desigualdades sociais em Angola, em particular no que se refere às mulheres. Aqui, as suas obras fazem retratar um mercado de venda de roupa em segunda mão, inspirado em muitos dos existentes em Luanda. A ajuda externa a África envia em sacos de fardos com roupa em segunda mão de muito boa qualidade, a qual é vendida em vários mercados espalhados por todo o continente a preços muito baixos. Esta situação é um forte impeditivo ao desenvolvimento de uma indústria têxtil naquele país. Se por um lado essa ajuda é importante, ela simultaneamente dificulta um desenvolvimento sustentado.

O título da exposição *Vestir Memórias*, levanta ainda outra questão relacionada com a proliferação destes mercados: a roupa que uma parte significativa da população angolana veste é usada; vestem a memória de quem doou cada uma dessas peças. Se por um lado continuam a transportar consigo essas memórias, ao incorporá-las e misturá-las entre si (épocas, proveniências, estilos absolutamente diferentes) criam um estilo e uma forma de as viver profundamente únicas e suas. Talvez as próprias roupas bordem uma nova possibilidade de outra ordem social.

ANA SILVA

Dressing Up Memories

The work of Ana Silva (Luanda, 1969) is always very personal, profound and delicate. She draws on her personal experience in Angola to re-appropriate both traditions - such as the official engagement proposal ceremony, the Alambamento - and the everyday experiences of Angolan women.

Ana Silva draws, through embroidery, stories of Angolan women, celebrating their lives and their work. Within the scope of her artistic career, the use of the embroidery thread is a structuring axis. It makes reference to women's crafts and to a domestic economy. Knowledge and traditions that are transmitted between generations and that carry with them not only a personal memory, but also a collective memory and history, and that are a metaphor of a feminine identity marked by violence and inequality. Embroidery can also be seen as an attempt to heal, a balm, for those same wounds and social injustices.

If embroidery has historically been associated with (white) femininity, by incorporating this technique as her form of work and artistic and critical thought, Ana Silva questions not only hegemonic and misogynistic discourses, but also colonial ones. At the centre of her work, Silva tries to recreate Angolan personal and collective histories that still bear the marks of a long period of civil war, crossing them with their Portuguese cultural heritage.

In this exhibition, Ana Silva proposes a reflection on the memory of recent and contemporary African history, and

intersects it with a problematisation of social inequalities in Angola, particularly in relation to women. Here, her works portray a second-hand clothes market, inspired by many of those existing in Luanda. Foreign aid to Africa is sent in sacks of bales of very good quality second-hand clothes, which are sold in various markets throughout the continent at very low prices. This situation is a strong impediment to the development of a textile industry in that country. While this aid is important, it also hinders sustainable development.

C A S A D A C E R C A

C A S A D A C E R C A

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre

